

Inscrições romanas inéditas de Cárquere, Resende, na colecção epigráfica do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia

Maria Manuela Alves Dias *

Resumo

Este texto é o primeiro de uma série que pretende dar a conhecer os exemplares mais significativos da epigrafia inédita do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia; no caso presente trata-se do estudo breve de nove inscrições funerárias provenientes de Cárquere, concelho de Resende, distrito de Viseu. As inscrições agora publicadas inserem-se na caracterização geral que da epigrafia de Cárquere José Leite de Vasconcellos fez em 1913; duas inscrições, no entanto, são de pôr em relevo pelos antropónimos que evidenciam: *Afinatu(s)* e *Iboena*.

Summary

This article is the first in a series, which acknowledges the more significant examples of unpublished epigraphy from the Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia; This case deals with the brief study of nine funerary inscriptions from Cárquere, Municipality of Resende, District of Viseu. These inscriptions fit in the general characterization of epigraphy from Cárquere made by José Leite de Vasconcellos in 1913; however two inscriptions stand out due to the evident anthroponomy: Afinatu(s) and Iboena.

* Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa, Alameda da Universidade, P-1600 Lisboa, Portugal.

Na colecção epigráfica do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia (MNAE), existe cerca de meia centena de inscrições romanas de Cárquere, Resende, quer completas quer parcialmente destruídas¹; além deste importante núcleo, há outras inscrições de Cárquere no Museu da Sociedade Martins Sarmento, Guimarães², no antigo Museu do Douro-Litoral, Porto³, e no Museu de Lamego⁴; a maior parte das inscrições achadas em Cárquere encontra-se já publicada⁵; recentemente foram feitos novos achados epigráficos nesta freguesia o que, uma vez mais, acentua a importância que têm os cemitérios do antigo povoado para o conhecimento das formas, e também do processo, da aculturação romana na margem esquerda do curso inferior do Douro. Já em 1913, José Leite de Vasconcellos admirava-se da grande quanti-

¹ LAMBRINO, S., *Les inscriptions latines inédites du Musée Leite de Vasconcelos*, "O Arqueólogo Português", Nova série, III, Lisboa, 1956, p. 6: "de la région de Cárquere proviennent quarante-cinq stèles funéraires". A maior parte destas inscrições vieram para o museu entre 1904, cf. "O Archeólogo Português", IX, Lisboa, 1904, p. 309, e 1915, cf. MNAE, *Livro de entradas*, p. 85.

² CARDOZO, M., *Catálogo do Museu de Martins Sarmento. Secção de epigrafia latina e de escultura antiga*, 2.^a ed., Guimarães, 1972, p. 91, n.º 49, p. 93, n.º 51, p. 100, n.º 58.

³ Hoje o Museu de Etnografia e História, da Assembleia Distrital do Porto; MATTOS, A. de, *Inventário das inscrições do Douro-Litoral*, "Douro-Litoral", Terceira série, I, Porto, 1948, p. 65, n.º 81, p. 67, n.º 83, p. 68, n.º 84, p. 70, n.º 86.

⁴ VAZ, J. L. I., *Breve catálogo das inscrições romanas de Lamego*, "Beira Alta", XLI, Viseu, 1982, p. 507, n.º 52, p. 509, n.º 7, p. 512, n.º 10.

⁵ A principal bibliografia da epigrafia de Cárquere é a seguinte: SARMENTO, F. M., *Inscrições inéditas*, "Revista de Guimarães", IV, Guimarães, 1887, p. 187; VASCONCELLOS, J. L. de, *Antiguidades de Cárquere*, "Revista Archeologica e Historica", II, Lisboa, 1898, p. 113-115; *CIL*, II, *Supp.*, (1892), 5567 (dada como de Baião), 5570, 5571, 5573, 5574, 5575, 5576, 5577, 5579 e 5580; VASCONCELLOS, J. L. de, *Antiguidades de Cárquere*, "O Archeólogo Português", V, Lisboa, 1900, p. 206-212; *Ephem. Epigraph.*, IX (1913), p. 24, n.ºs 36, 37, 38, 39 e 40; VASCONCELLOS, J. L. de, *Epigrafia do Museu Etnologico (Belém)*, "O Archeólogo Português", XXVIII, Lisboa, 1929, p. 209-227, n.ºs 6779, 6780, 6781; JALHAY, E., *Lápides romanas da região de Cárquere (Resende)*, "Brotéria", LII, Lisboa, 1951, p. 70-85 e ainda a bibliografia indicada em cima nas notas 2, 3 e 4, e nas notas seguintes 6, 7 e 12.



dade de lápides provenientes de Cárquere e nas quais reconhecia um estreito parentesco morfológico e estilístico (que lhes conferiam *a*) a rude decoração vegetalista, mormente as palmas, terminadas, ou não, em aparente tridente, que flanqueiam as estelas ⁶, e *b*) a homogeneidade do talhe e figuração dos suportes) o qual o levou a chamar à epigrafia de Cárquere, com um certo “humorismo”, de “especialidade regional” ⁷.

As inscrições recolhidas no MNAE que ora se publicam encontram-se, ao que pudemos apurar, ainda inéditas.

1. Reg. do MNAE: E-6220

O suporte desta inscrição é um paralelepípedo rectangular de granito (70 × 49 × 20) * reutilizado, a avaliar pelo corte da parte superior, feito logo depois da figuração das pequenas volutas, talvez para lhe dar uma forma mais adaptável a uma reutilização como material de construção, eliminando assim o frontão triangular, incómodo no reaproveitamento. Na face anterior foram gravados, acima da delimitação do campo epigráfico, dois círculos (diâmetro: 14) dispostos em simetria ao eixo vertical central da lápide, e entre eles, notam-se ainda vestígios da gravação de uma folha, *hedera?*, voltada para cima; pelo que resta da decoração dos círculos, subentende-se terem sido estes decorados com hexafólios de pétalas vazadas; as duas faces laterais são decoradas com a estilização gravada de palmas que terminam em tridente. O campo epigráfico é formado por cinco cartelas (7,5/8 × 42/43) rebaixadas e que ocupam completamente a face anterior do corpo central do suporte; entre elas, observam-se, horizontalmente, pequenos filetes em relevo (2) que ocupam o espaço habitualmente chamado ‘interlinear’; de alto a baixo, quer à direita, quer à esquerda, corre também um filete que bordeia os limites desta face do suporte. Nas cartelas, e ocupando toda a altura disponível, foi gravado o texto que se pode considerar completo; o facto de a cartela inferior

⁶ VASCONCELLOS, J. L. de, *Religiões da Lusitânia*, III, Lisboa, 1913, p. 440.

⁷ ID., *ibid.*, p. 536; as aspas são do próprio J. L. V.; outra “especialidade regional” da epigrafia da Lusitânia que indica são as *cupae* alentejanas e os monumentos funerários arciformes do distrito de Lisboa.



Fig. 1 — Reg. do MNAE: E-6220

estar danificada, donde hipoteticamente se poder admitir a existência de, pelo menos, mais uma cartela, não é, dado o conteúdo textual, minimamente relevante.

Leitura proposta:

Rufinus

Calaet(i) an(norum)

LX <m(ensium)> V <d(ierum)> X a(mici) f(aciendum)

c(uraverunt) D(iis) M(anibus) s(acrum)

5 s(it) t(ibi) t(erra) l(evis) h(ic) c(ubat)

A gravação das letras (7,5/8) e a *ordinatio* parecem ter merecido certa atenção nomeadamente na primeira cartela; o nome do defundo está admiravelmente bem centrado, o que era facilitado pelo facto de as sete letras do nome *Rufinus* serem facilmente alinháveis a partir da quarta letra, a letra central, o *i*; na 1.2 os *aa* de *Calaet(i)* estão inclinados para a esquerda. Os pontos de separação são pequenas cavidades um tanto irregulares; a colocação dos pontos na 1.3 aliada à irregular redacção dos numerais, *LX·V·X*, levou à restituição de *mensium* e *dierum*; na 1.3 preferiu-se *amici* dado o singular, inominado, não ser admissível⁸; na 1.5 restituiu-se *hic cubat* que é muito raro na Hispânia; também muito raro, mas viável em Cárquere, será *hic crematus (est)*⁹. Na Lusitânia, o nome do defundo, em nominativo, acompanhado de *annorum* não é novidade¹⁰, o mesmo se passa quanto à colocação 'deslocada' da invocatória aos deuses Manes¹¹.

Morfologicamente o paralelo mais estreito que temos para esta estela é a de *I. Sunua liberta*, também de Cárquere¹².

Pelas características epigráficas, nomeadamente pelo módulo rectangular acentuadamente alongado das letras, podemos datar este monumento funerário de *Rufinus* de finais do século II.

2. Reg. do MNAE: E-6783

Trata-se de uma estela paralelepípedica de granito (69 × 39 × 12) cujo recorte superior seria triangular, a sugerir um frontão, hoje, fracturado sensivelmente pela sua meia-altura; toda a face anterior foi alisada; nesta superfície, obliquamente ao eixo horizontal do suporte e descaindo para a esquerda, foram gravadas, no encontro do arranque do 'frontão' com o corpo da lápide, três círculos, um maior ao centro (diâmetro: 12) e dois menores (diâmetro: 6 e 6,5) de cada lado; o círculo central está dividido em seis partes por três linhas de diâmetro contracurvadas, os laterais apresentam ao centro um pequeno círculo vazado. As faces laterais do suporte, tanto no corpo da lápide como no 'frontão', estão decoradas com palmetas estilizadas, terminando as primeiras em forma de tridente. O texto da inscrição dispõe-se por três linhas ocupando um espaço próximo do quadrado (36 × 39) e começando sensivelmente a nove centímetros do arranque do 'frontão'.

Leitura proposta:

Afinatu (sic)
f(ilio) a(nnorum) XX s(it) t(ibi) t(erra)
l(evis) m(ater) f(aciendum) c(uravit)

* Todas as dimensões referidas são sempre em centímetros.

⁸ Para *amici* cf., v.g., *CIL*, II, 3332.

⁹ Sobre o ritual de incineração funerária em Cárquere cf., v.g., CORREIA, V., *Arqueologia de Cárquere*, in "Obras", IV, Coimbra, 1972, p. 261-263 (= *Diário de Coimbra*, de 14.VI.1943).

¹⁰ Cf. VIVES, J., *Características regionales de los formularios epigráficos romanos*, "Actas del Primer Congreso Español de Estudios Clásicos", Madrid, 1958, p. 485-492, especialmente p. 491.

¹¹ Cf., v.g., *HAEpigr.*, n.º 1277 (do museu de Salamanca).

¹² VASCONCELLOS, J. L. de, *op. cit.* (v. nota 6), p. 414.

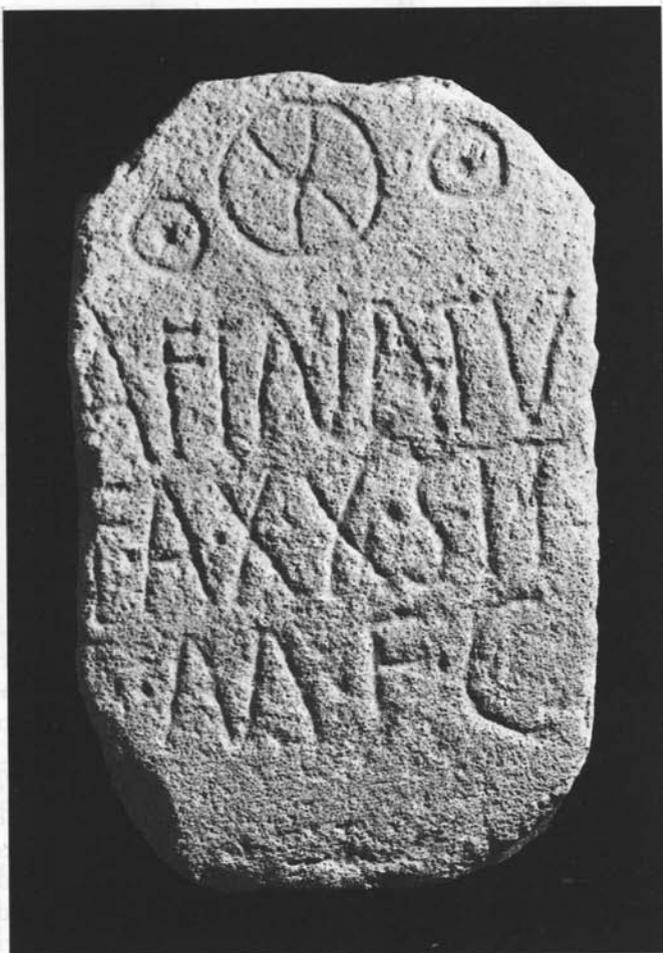


Fig. 2 — Reg. do MNAE: E-6783

A *ordinatio* é bastante cuidada; as letras inscrevem-se num rectângulo (9); a 2.^a barra dos *ff*, das 1.1. e 1.2, está colocada a menos de 1/4 da altura da haste vertical; na 1.1, nota-se uma tendência ‘cursiva’ dos *aa* e do *n* que levam a obliquar para a direita, prolongando-os superiormente, o 2.^o traço dos *aa* e o traço descendente do *n*; na 1.1 e 1.2 é visível um golpe oblíquo que corta o segundo *a* de *Afinatu* e o segundo *X* de *XX*, o que poderia sugerir na 1.2 uma leitura *XXX*, mas que efectivamente não passa de uma ferida do suporte que se encontra razoavelmente bem conservado. Os pontos de separação são cavidades circulares.

Quanto ao nome do defunto é, tanto quanto pude averiguar, a primeira vez que aparece na epigrafia latina; é bem possível incluí-lo nos nomes formados a partir de (*g*)*natus* e que são muito comuns na Baixa Época, como por

exemplo *Renatus* e *Benenatus*¹³, sem que isso implique, no entanto, uma contaminação religiosa cristã, o que não impede que os antropónimos formados em *-natus* não tenham pelo peso da sua frequência uma certa conotação epocal tardia; na 1.1, entre o segundo *a* e o *t* a existência de um aparente *punctum distinguens* não autoriza uma leitura *Afina Tu(sci) f(ilia)*, por exemplo; também, por razões de espaço, não é possível admitir a existência de uma abreviatura na 1.2 antes do *f* o que resolveria formalmente o problema da terminação em *u* do nome do defunto, fazendo uma leitura *Afinatu(s)* [NN?] *f(ilius)*; a leitura do nome do defunto em nominativo parece inquestionável, tanto mais que é esta forma casual a que ocorre predominantemente na epigrafia funerária de Cárquere; a perda do *s* final no fim da linha é uma das características mais frequentes no latim peninsular¹⁴; outra qualquer explicação para a compreensão deste nome, se bem que possível, seria excessivamente rebuscada¹⁵; a leitura proposta implica uma suspensão (; ou mesmo .) após *Afinatu*, assim desenvolveu-se *f(ilio)*. Pelas características paleográficas apontadas, e ainda talvez pelo nome que evidencia, pode, para esta inscrição, atribuir-se uma datação a rondar os meados do século III.

3. Reg. do MNAE: E-6782

Trata-se de um paralelepípedo rectangular de granito (66 × 52 × 16). A sua primitiva forma implicava um 'frontão' decorado, de que resta ainda parte, o qual foi cortado horizontalmente tal como sucedeu com as estelas antecedentes. O que nos ficou da decoração foi um semicírculo gravado, de cuja decoração interior resta somente o breve sulco de um raio. O 'frontão' desta estela deve ter sido em arco abatido, a julgar pelo arranque da nervura lateral que se observa no canto superior esquerdo; esta forma de 'frontão' existe noutra estela de Cárquere¹⁶. O suporte é, em ambas as faces laterais, parcialmente afeiçoado de modo a originar uma faixa (larg. 14) onde se desenhava a estilização de uma "árvore" que termina em forma de tridente¹⁷ ao nível da primeira linha da inscrição. A face posterior de suporte não foi afeiçoada. O campo epigráfico (55 × 42) é limitado superiormente por um cordão (alt. 3), em relevo, e foi desbastado no suporte de modo a formar uma superfície regular, alisada por polimento. A inscrição, que está incompleta, foi alinhada à esquerda e tinha, pelo menos, seis linhas, das quais cinco são

¹³ Cf. KAJANTO, I., *The latin cognomina*, Helsinki, 1965, p. 23, 135, 350 e 356 e SOLIN, H., *Die innere Chronologie des Römischen Cognomens*, "L'Onomastique latine", Paris, 1977, p. 110 e 131. Cf. tb. SYME, R., 'Donatus' and the like, "História", XXVII, Wiesbaden, 1978, p. 588-603.

¹⁴ Cf. CARNOY, A., *Le latin d'Espagne d'après les inscriptions*, Bruxelles, 1906, p. 180-182, especialmente a lista da p. 181; exemplos: *Aemiliu*, *Doutiu*, *Pompeianu*, *Semproniu*, *Titullu*, etc.

¹⁵ Por exemplo, admitir *Afinatu(s)* = *affinatu*, originalmente hipotético adjectivo comum que se formaria com o ablativo supino, *natu*, cujo uso sabemos ser raro no latim escrito, cf. GILDERSLEEVE, B. L., and LODGE, G., *Latin grammar*, 3th ed., London, 1965, p. 284, mas que desconhecemos, obviamente, no latim falado.

¹⁶ VASCONCELLOS, J. L. de, *Antiguidades de Cárquere*, "O Archeologo Português", V, Lisboa, 1900, p. 209.

¹⁷ Cf. ID., *ibid.*



Fig. 3 — Reg. do MNAE: E-6782



Fig. 3a — Reg. do MNAE: E-6782 (vista lateral)

perfeitamente legíveis; da sexta apenas temos a parte superior de algumas letras do seu início.

Leitura:

Iboena

Alluqui filia

an(norum) XXXV et

Avitus F

5 *rontoñis*

an(norum) XLII

As letras tem um módulo rectangular (7,5/8,5 alt.); os espaços lineares (c.d. 3 alt.) procuram ser regulares; os *oo* são menores (5,6) que as outras letras; o *r* de *Frontonis*, com a curva superior levantada e trespassando obliquamente a haste vertical, e a inclinação dos *nn* sugerem uma cronologia tardia do fim do século II; na 1.4 a abusiva colocação dos pontos de separação confere-lhes fundamentalmente valor decorativo¹⁸; a inscrição comporta dois nexos claramente visíveis, um em 1.3 *an(norum)* e outro em 1.5 *F/ronto-*

¹⁸ Cf. NAVASQUÉS, J. M. de, *La estela funerária de Cármene*, "Archivo Español de Arqueología", 43, Madrid, 1970, p. 175-194, especialmente p. 183.

nis; na 1.6, a julgar pelo que dela resta, estaria também um nexo *ân(norum)*, e como tal se restitui.

Os antropónimos patentes nesta inscrição são conhecidos na região; o nome *Iboena* é talvez a forma sincopada de *Ibdoena* registada em Lamego¹⁹ (o grupo das duas sonoras *-bd-* está também representado nesta região pelo nome *Mebdi*, genitiv.²⁰); o nome *Alluquius* é típico da Lusitânia²¹.

Morfológica e estilisticamente esta estela aparenta-se estreitamente com a de *Albonius Cumeli f.* de Cárquere também²².

4. Reg. do MNAE: E-6209

Trata-se de um bloco paralelepípedo de granito muito deteriorado (39 × 46 × 19); a face anterior mostra uma zona rebaixada que forma o campo epigráfico de que nos restam três linhas, sendo ainda visíveis vestígios da parte superior das letras de outra; sobre o campo epigráfico foram gravados talvez três círculos, e sobre o rebordo superior nota-se um ténue sulco vertical; no lado direito da inscrição o rebordo apresenta em parte a forma de cordão. A má conservação do suporte e as fortes escoriações que sofreu o campo epigráfico nas duas primeiras linhas dificultam a interpretação.

Leitura proposta:

Pentili
Camali f(i)liū
annoru
m LXX

As letras são irregulares e de traçado rude, embora de altura muito semelhante (c.d. 7). Admite-se aqui que *Pentili* (= *Pentiliū*, dado que é frequente a omissão do *-i* genitivo na epigrafia indígena) subentende a ideia de “sepultura de Pentílio”; o formal arcaísmo desta construção em genitivo é eliminado pela referência *annorum LXX*; claro que também se poderia estar perante uma situação de nominativo, *Pentili<us>* ou *Pentili<a>*, apocopado por omissão do lapicida mas que, parece-nos, seria muito pouco provável.

Pentilius, e suas variantes, aparece sobretudo distribuído pelas bacias hidrográficas do Esla e do Douro²³, também entre os Zoelas²⁴, e, recentemente, na freguesia de Castro Vicente, concelho de Mogadouro, apareceu a

¹⁹ VAZ, J. L. I., *op. cit.* (v. nota 4), p. 515.

²⁰ Cf. *CIL*, II, 5580 (Cárquere), *CIL*, II, 5556 (Vila Real) e *Ephem. Epigraph.*, VIII (1899), p. 398, n.º 110 (Guidões?).

²¹ Cf. ALBERTOS, M. L., *La antroponimia prerromana de la Península Ibérica*, “Actas del I Coloquio sobre lenguas y culturas prerromanas de la Península Ibérica”, Salamanca, 1976, p. 72; especial atenção para *CIL*, II, 5248, de Lamego (= VAZ, J. L. I., *op. cit.* (v. nota 4), p. 502-503). Cf. tb. “Ficheiro Epigráfico”, 12, Coimbra, 1985, n.º 52.

²² JALHAY, E., *Lápides romanas da região de Cárquere (Resende)*, “Brotéria”, LII, Lisboa, 1951, p. 76-78.

²³ Principalmente *Pentius* e *Pintovius*, cf. ALBERTOS, M. L., *op. cit.* (v. nota 21), p. 83.

²⁴ *CIL*, II, 2633.

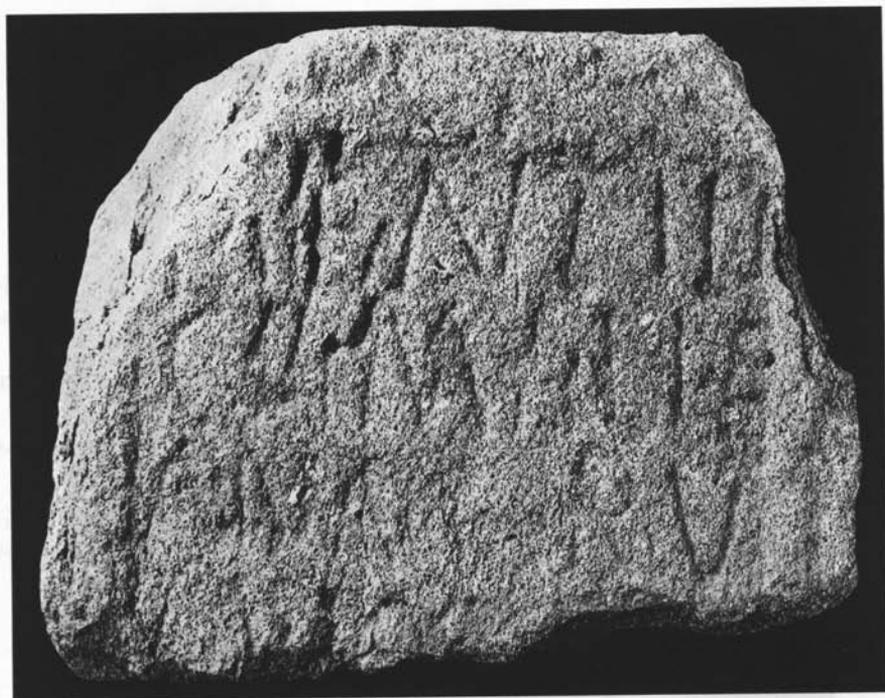


Fig. 4 — Reg. do MNAE: E-6209

inscrição funerária dum *Pitilicius Pintovi*²⁵; é conhecido também no concelho de Chaves, perto da serra do Larouco²⁶; *Pintilius* é ainda associável ao teónimo *Peintici*, do Castro dos Três Rios, Viseu²⁷.

5. Reg. do MNAE: E-6194

Fragmento de estela de granito decorada; na face anterior, acima do campo epigráfico, apresenta, em relevo, dois círculos, dentro dos quais foram gravadas flores de seis pétalas também em relevo; os círculos (diam.: 14,3) deviam, a avaliar pelo que resta do suporte, estar equidistantes do eixo vertical do suporte; é ainda de admitir, face à existência de um rebaixo circular, a hipótese de ter havido um outro elemento decorativo, também de forma circular, e que se centraria sobre o eixo vertical do suporte, no espaço imediatamente superior ao da decoração descrita²⁸; na face lateral esquerda observa-se

²⁵ AFONSO, B. e MORAIS, J. M., *Cemitério romano em Vilar Seco (Castro Vicente)*, “Bri-gantia”, I, Bragança, 1981, p. 81-89.

²⁶ Cf. v.g., RODRÍGUEZ COLMENERO, A., e FONTES, A. L., *El culto a los montes entre los Galaico-Romanos*, “Actas do seminário de arqueologia do noroeste peninsular”, III, Guimarães, 1980, p. 25-26, com bibliografia anterior.

²⁷ D'ENCARNAÇÃO, J., *Divindades indígenas sob o domínio romano em Portugal*, Lisboa, 1975, p. 257-258, com bibliografia anterior.

²⁸ Decoração semelhante à da estela de *Viriatus Severi f.*, também de Cárquere, cf. JALHAY, E., *op. cit.* (v. nota 22), p. 78-79 e fig. 7.



Fig. 5 — Reg. do MNAE: E-6194

a tradicional palmeta terminada em tridente; apesar do suporte ($73 \times 37 \times 14$) se encontrar incompleto a inscrição é em grande parte reconstituível; o campo epigráfico, que está incompleto, é cortado por linhas horizontais de orientação de escrita afastadas entre si (11), e presumivelmente por duas linhas verticais, uma à direita e outra à esquerda, sendo esta ainda visível; as letras estão gravadas a meio destes espaços definidos pelas linhas horizontais, mantendo em relação a elas, quer inferior quer superiormente, espaços iguais; as letras, embora de módulo claramente rectangular, não são demasiado alongadas (alt. 8); esta inscrição não apresenta nexos nem pontos de separação de escrita.

Leitura proposta:

Rufu[s]

Rufi f(ilius)

ân(norum) X [...]

hic s[itus]

Como se sabe, o cognome romano *Rufus* vulgarizou-se muito em ambientes de onomástica predominantemente indígena na Península Ibérica, nomeadamente na Lusitânia.

Cronologicamente, pela forma das letras, podemos situar esta inscrição em meados do século II.

6. Reg. do MNAE; E-6199

Trata-se de um fragmento de granito ($41 \times 49 \times 14$); na face anterior são visíveis dois círculos (de 11,5 e 18 de diâm.); o menor é decorado no interior por um hexafólio em relevo, o outro é irregularmente dividido em doze



Fig. 6 — Reg. do MNAE: E-6199

partes desiguais por arcos de círculo gravados²⁹; ocupando o flanco esquerdo do suporte pode ver-se o que resta de uma palmeta estilizada terminada em tridente (alt. 32); o que nos ficou do texto distribui-se por duas linhas incompletas; a degradação da face anterior, que devia ter sido alisada, apagou um pouco a primeira letra de 1.2, que é no entanto reconstituível.

Leitura proposta:

Rufinu[s]
Rufi f(ilius) a[n(norum)]
 [.....]

As letras inscrevem-se num módulo claramente rectangular (alt. 9) mas não tão esguio como o da inscrição de *Afinatus*; os pontos de separação são pequenas cavidades circulares regularmente dispostos; pela forma das letras podemos datar esta inscrição de fins do século II.

7. Reg. do MNAE: E-6206

Fragmento de bloco alongado de granito, de secção aproximadamente rectangular (63 × 27 × 18), fracturado superiormente; não apresenta qualquer decoração; a face epigrafada é bastante irregular, e nela observam-se quatro linhas de texto (talvez o texto completo).

Leitura proposta:

Pissi
rea
Tânci
ni f(ilia)

A inscrição está alinhada à esquerda; as letras, claramente inscritas num rectângulo (alt. 7,5/8) são pouco cuidadas; na 1.1 perdeu-se a parte superior do *P*; na 1.4 o *f* é só parcialmente claro; na 1.3 verifica-se um nexa, *ân* no nome do pai.

Os nomes *Pisirea* e *Tancinus* são comuns na Lusitânia; em Cárquere há um *Pissirus*³⁰, de que *Pissirea* é a forma feminina; *Tancinus* é tipicamente lusitânico³¹.

²⁹ VASCONCELLOS, J. L. de, *op. cit.* (v. nota 6), p. 406, chama "suástica flamejante" a este tipo de decoração.

³⁰ *CIL*, II, 5580.

³¹ Cf. ALBERTOS, M. L., *La onomástica personal primitiva de Hispânia: Tarraconense y Bética*, Salamanca, 1966, p. 219. Cf. tb. "Ficheiro Epigráfico", 11, Coimbra, 1985, n.º 47.

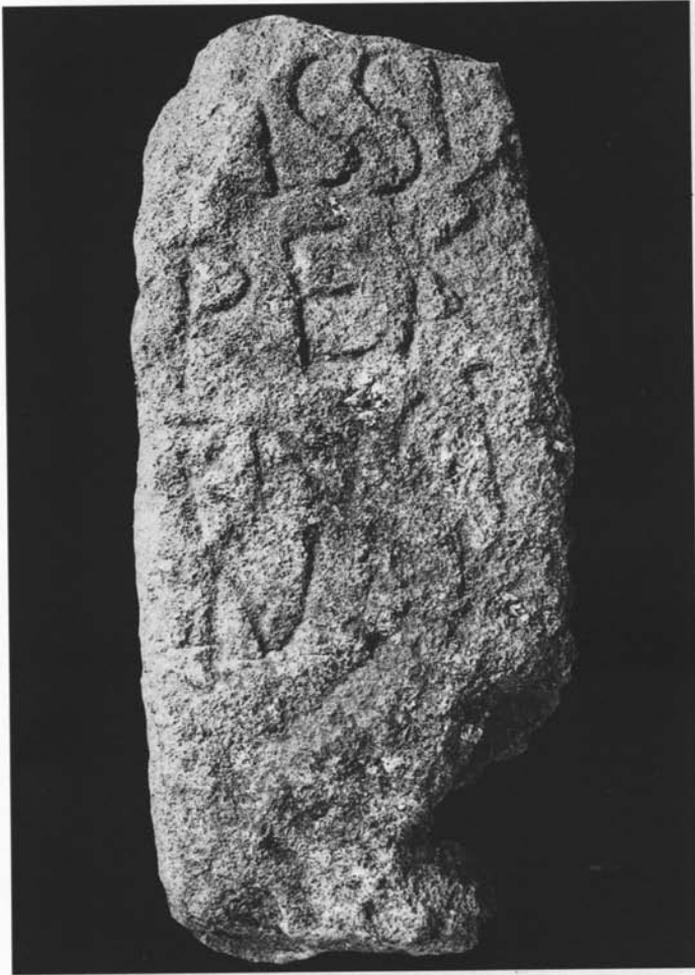


Fig. 7 — Reg. do MNAE: E-6206

8. Reg. do MNAE: E-6784

Trata-se de um fragmento de estela funerária em granito ($56 \times 43 \times 18$), onde se notam ainda alguns traços que faziam parte da decoração que encimava a inscrição, mas que não são já inteiramente identificáveis com segurança ³²; o que resta do campo epigráfico deixa ver que seria marcado por linhas horizontais de orientação de escrita, e lateralmente enquadrado por duas linhas perpendiculares, de que é ainda visível a do lado direito do suporte; uma primeira linha horizontal separa o texto da zona decorada, e a fórmula fune-

³² Parece ter sido das de tipo 'de busto e cara', cf. VASCONCELLOS, J. L. de, *op. cit.* (v. nota 6), p. 455-456, fig. 237, estela funerária de *Ama*, de Cárquere também.

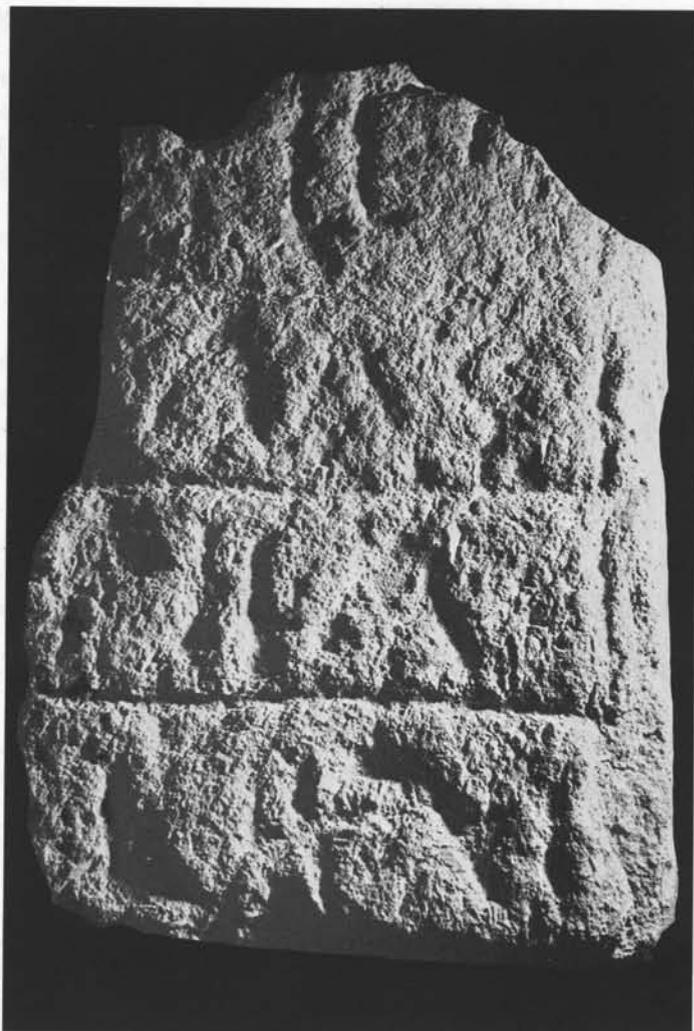


Fig. 8 — Reg. do MNAE: E-6784

rária está escrita logo abaixo; a 1.2 distribui-se entre a segunda e a terceira pauta e a 1.3 está logo abaixo da terceira pauta; pela fractura inferior do suporte, que é muito regular, é de supor, pelo menos aí, a existência de mais uma linha horizontal. As letras (alt.: 7) são pouco cuidadas, o que se deve em parte à qualidade do granito de grão muito grosso.

Leitura proposta:

D(iis) M(anibus) s(acrum)
Pen(tilius)
<an(norum)>LXX̄XI



Fig. 9 — Reg. do MNAE: E-6215

As dúvidas de leitura surgem logo na 1.1 mas, aí, a ligeira curvatura gravada antes do *M* não pode ser senão um fragmento da curva do *D*; na 1.2 os dois traços verticais paralelos são interpretados como um *e* na sua forma *II*, embora não sejam comuns estes grafismos na epigrafia de Cárquere, o *n* é, apesar da rudeza da escrita, perceptível, e a primeira letra da linha não pode ser senão um *P* a que saltou o bocado de pedra do interior da curva superior; na 1.3 subentendeu-se a abreviatura de *an(norum)* a reger o numeral. Na 1.2 restituiu-se *Pentilius*, nome conhecido em Cárquere, mas em boa verdade também se poderia restituir noutra variante do radical * *Pent-*, como *Pentius/Pentus*, *Pentovius/Pentavius*, *Pentonus*.

9. Reg. do MNAE: E-6215

Trata-se do fragmento da parte inferior duma inscrição funerária em granito ($50 \times 27 \times 16$); na face anterior, o campo epigráfico muito incompleto (27×25) foi desbastado na superfície da pedra (c.d. 2); pelas duas linhas, incompletas, que restam da inscrição, supõe-se que tenha sido uma inscrição bastante cuidada, dentro das características formais da epigrafia de Cárquere.

Leitura:

[.....]
s(itus) e(st) s(it) [(ibi) t(erra)]
l(evis) h(eres) f(aciendum) [c(uravit)]

Os *puncta* são pequenas cavidades circulares regularmente colocados entre cada uma das letras da fórmula funerária (alt. 6,5).

Este pequeno conjunto de inscrições funerárias insere-se na caracterização geral que da epigrafia de Cárquere fez, em 1913, José Leite de Vasconcellos; relevo especial merecem os antropónimos *Afinatu(s)* e *Iboena*, vestígios da onomástica pessoal da Lusitânia do norte.